

Jacarê de São Domingos, 4 de maio de 1987.  
*Município de Rio Tinto/Pb.*

Senhor Superintendente da FUNAI:

Queremos que o senhor arretire essas máquinas da Usina Miriri e esses pistoleiros que tão invadindo nossas terras, impatando de nós arrancar nossa roça e colher nossa lavoura, junto com a polícia que o governo bota eles para guarnecer a cidade e eles vem guarnecer a terra do índio mandado pelo usineiro, atacando o índio para que ele não vá no roçado dele, para que o índio não possa tirar água do riacho e todo dia a polícia está em nossa área.

Queremos que o senhor tire a demarcação de nossa terra. Já 3 anos que ninguém pode trabalhar, vendo a hora se acabar tudo de fome. E nós precisamos de trabalhar e eles proibindo e invadindo nossa terra e nós sem trabalhar. Não podemos viver porque se fôr roubar, a polícia prende, se pede, o povo diz: vai trabalhar preguiçoso. Como pode se viver dentro desse Brasil?!

No dia 4 eles disseram que vão botar as máquinas no resto de nossa lavoura. É eles virando e a polícia vigiando.

Responde pela Usina Miriri o senhor Gilvan Celso Cavalcanti de Moraes Sobrinho - Av. 17 de agosto 892 - Bairro da Casa Forte - Recife.

Assinam, pela aldeia Jacarê de São Domingos:

Domingos Barbosa dos Santos.

Pedro Barbosa de Araújo.

Luzinete Pereira da Luz.

ARQUIVO CEDOP  
PUB. O Norte  
DATA 20 / 04 / 1987



# Indígenas agricultores de Rio Tinto denunciam as invasões de terras

Os indígenas agricultores da aldeia Monte Mor, localizada no município de Rio Tinto, denunciaram, ontem, através de carta aberta à população as constantes invasões de suas plantações por tratoristas com a finalidade de destruírem as lavouras de subsistência cultivadas pela comunidade.

Na carta os indígenas atribuem os atos de vandalismo ao administrador da Usina Miriri, "que tem interesse em expulsá-los para expandir a plantação de cana-de-acúcar."

### SEIS BALAS

A carta diz que na quinta-feira, passada, os conflitos pela posse das terras onde está localizada a aldeia, recrudesceram, quando um tratorista da Usina Miriri, tentou destruir um roçado e cinco pessoas da comunidade tentaram impedir a destruição.

A carta relata que na ocasião houve alterações entre os indígenas e os administradores da Usina: "cinco pessoas foram empalar uma máquina da Usina Miriri que está devorando nossas terras. O maquinista parou e já estava desativando o trator, quando o administrador da Usina, conhecido por Zezito, ordenou que o maquinista reiniciasse a destruição das plantações. Neste momento, nós da aldeia alegamos nosso direito à posse da terra, quando outro homem ligado à administração da Usina, o senhor Leonel, descontrolou-se e sacou um revólver trina e oito para atirar nos nossos companheiros, para evitar mortes, tomamos a arma. Quando sacou a arma, ele disse: "tem seis balas e são seis mortes certas". Acalmado os ânimos,

prossegue o relato, o administrador da fazenda, o Zezito, interveio e queria que devolvêssemos a arma, não conseguindo nos obrigar, ameaçou: "Podem ficar, pois eu tenho outra ali que ao invés de seis, são doze tiros."

### CONFLITOS

O relato dos indígenas mostra o quanto continuam ferrenhos os conflitos pela posse da terra no Estado da Paraíba.

Segundo estatística do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - Incra, em todo o Estado são mais de trinta áreas de conflitos, que se processam já por mais de quarenta anos, sem uma providência para resolver o problema.

Os indígenas, da aldeia Monte Mor, revelaram que existe uma verdadeira "organi-

zação jurídica" envolvendo advogados e, inclusive, pessoas, ligadas à justiça e escrivães, no município de Rio Tinto.

### COMPROMETIMENTO

Através da carta, os indígenas pediram socorro ao Governador Tarcísio Burty, no sentido de mandar um efetivo policial, "que não tenha comprometimento com as autoridades locais, pra retirarem a máquina da Usina Miriri, que está destruindo o único meio de sobrevivência da comunidade indígena da aldeia Monte Mor.

Eles esclarecem também que dispõem de um documento expedido pelo engenheiro Antônio Gonçalves da Justa Araújo, em 1866, que faz a demarcação da aldeia com registro nas páginas 29 e 38 do referido documento.